

Governos não vão salvar bancos

por Jonathan Carr
do Financial Times

Os governos dos países industrializados não pretendem salvar os bancos comerciais através de garantias aos seus empréstimos às nações devedoras, declarou o "chairman" do comitê interino do Fundo Monetário Internacional e ministro das Finanças da Holanda, Onno Ruding.

"Em pronunciamento na reunião de altos executivos em Davos, a leste da Suíça, Ruding afirmou que os bancos "não podem fugir" ao problema da dívida internacional. "Eles estão en-

volvidos nele e seria melhor que começassem a movimentar-se", recomendou.

Ruding acrescentou que a carga da solução para a crise da dívida deve ser compartilhada entre grupos de bancos nacionais e entre bancos comerciais e governos. No entanto, informou que a ação dos governos deve limitar-se a iniciativas como o fornecimento de mais créditos à exportação ou o incremento do capital do Banco Mundial.

As declarações foram feitas no simpósio de Davos, uma conferência inter-

nacional sobre economia e negócios que conta com a presença de seiscientos participantes de mais de cinquenta países.

PLANO BAKER

Um dos principais temas foi o projeto anunciado pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker III, para aliviar o problema da dívida através de uma ação conjunta por parte dos tomadores, bancos, governos de países industrializados e organizações internacionais.

O ministro disse estar "um pouco mais otimista" com respeito ao Plano Baker em virtude do progresso registrado desde que este foi proposto, em outubro passado. Salientou que pelo menos alguns dos países estão seguindo políticas econômicas e financeiras adequadas e que os bancos já expressaram um apoio condicional.

Mesmo assim, alguns banqueiros presentes ao simpósio disseram, confi-

dencialmente, que grandes problemas terão de ser solucionados antes que as instituições concordem em fornecer US\$ 20 bilhões em créditos adicionais nos próximos três anos, de acordo com o previsto no plano.

Alguns dos países devedores também estão demonstrando crescente cautela em relação ao plano, devido à drástica queda nos preços das mercadorias. O ministro do Comércio mexicano, Hector Hernandez, assinalou que a recente baixa dos preços do petróleo aumentou a carga sobre o seu país, que já necessita de cerca de US\$ 20 bilhões por ano para servir sua dívida externa.

O ministro mexicano preconizou também uma nova postura em relação aos problemas da dívida, dando ênfase à "qualidade em lugar da quantidade" — ou seja, menores taxas de juros e maiores prazos para pagamento em vez de novos empréstimos.